

O USO DO *BLENDED LEARNING* NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

LARISSA LYSAKOWSKI VENZKE¹; HELENA SANTOS KIELING²; FLÁVIA MEDIANEIRA DE OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – lalyven@hotmail.com

²Universidade Católica de Pelotas – kieling.helena@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – olivafm@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

No contexto atual, percebe-se que o professor necessita cada vez mais de abordagens metodológicas inovadoras que motivem e atraiam os aprendizes em sala de aula. O ensino tradicional não tem atendido de modo eficaz as necessidades e expectativas da sociedade contemporânea. Ainda é possível observar a presença do modelo “bancário” de ensino (FREIRE, 2009) em que o aluno é um mero depositário de informações.

Com o objetivo de proporcionar o ensino-aprendizagem mais interativo, o Ensino Híbrido (ou *Blended Learning*) consolida-se como uma abordagem pedagógica em que a tecnologia e o espaço físico são aliados no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de línguas. O *Blended Learning* possibilita que o aluno seja responsável pela sua aprendizagem, permitindo que o mesmo consiga realizar uma tarefa de forma independente, mas também colaborativa entre aluno/aluno (CHRISTENSEN, HORN e STAKER, 2013).

Essa abordagem é composta por quatro modelos metodológicos, a saber: rotação, *flex*, *à la carte* e virtual enriquecido. No modelo rotacional os alunos se revezam dentro do espaço de sala de aula, sem haver a necessidade de mudanças no espaço físico, porém os alunos são divididos em grupos, sendo cada um deles o responsável pela realização de uma tarefa orientada pelo professor. O modelo *flex* é característico por haver uma flexibilidade nos horários, possibilitando um controle maior para o aluno aprender. No modelo *à La carte* permite a realização de cursos on-line com um professor on-line e no modelo virtual enriquecido o aluno irá realizar um curso on-line, porém há atividades presenciais obrigatórias (CHRISTENSEN, HORN e STAKER, 2013).

No caso do modelo rotacional por estações, busca-se promover o ensino-aprendizagem colaborativo, pois a divisão dos aprendizes em grupos propicia que cada aluno ajude o outro através da interação, contribuindo de modo mais efetivo no processo de aquisição da segunda língua.

Segundo a teoria interacionista, o diálogo e a aprendizagem colaborativa proporcionam a participação ativa do sujeito na construção do conhecimento. Vygotsky (1984) afirma que a interação é de suma importância para a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo. O autor explica que cada sujeito possui um nível diferente de conhecimento e é através do trabalho colaborativo e da interação com outras pessoas de níveis mais elevados de conhecimento que esse sujeito conseguirá atingir uma gama maior de conhecimento.

Vygotsky (1984) define que a diferença entre esses níveis como *Zona de Desenvolvimento Proximal*. Segundo o autor (idem, p. 97):

a Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em

processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário (...).

Sendo assim, é por meio da interação entre aluno-aluno e professor-aluno que ocorre a aprendizagem colaborativa. Essa abordagem metodológica incentiva o aluno no desenvolvimento do pensamento crítico e, de forma conjunta, estimula a aprendizagem através de tarefas, contribuindo para a fluência do sujeito na língua alvo (Figueiredo, 2006).

De acordo com Long (1983) apud Lightbown e Spada (2000), a aquisição da segunda língua advém a partir da conversação, assim o diálogo colaborativo vem a ser uma modificação na fala para que o interlocutor consiga compreender. Para o autor, nativos em uma situação de conversa com não nativos utilizam dessa modificação na sua fala e com isso constroem um diálogo onde há uma colaboração mútua. Além disso, Swain (2000) acredita que o conhecimento linguístico é desenvolvido pelo diálogo colaborativo, sendo de extrema importância para aquisição da segunda língua.

A partir dessas considerações, este trabalho tem como objetivo principal apresentar o relato de uma experiência pedagógica que fez uso da abordagem *Blended learning* no contexto extensionista. A experiência buscou incentivar o uso dessa abordagem no aprendizado da língua inglesa, mostrando que o ensino híbrido é uma ferramenta eficaz e que pode ser facilmente implantada em sala de aula.

2. DESENVOLVIMENTO

Este estudo possui como aporte metodológico a pesquisa qualitativa. Conforme Weller e Pfaff (2010, p. 16) esse tipo de abordagem “envolve observações ou gravações de situações em salas de aula, nas famílias e grupos juvenis, incluem tratamentos diversos, como a análise da conversação ou a análise do discurso.”

A pesquisa foi realizada durante dois encontros com um grupo heterogêneo de 14 estudantes, participantes do curso de Inglês Básico I, ofertado pela Câmara de Extensão do Centro de Letras e Comunicação, no primeiro semestre de 2017.

3. RESULTADOS

Para a realização da pesquisa foi utilizado o modelo rotacional por estações. Esse modelo foi escolhido por não requerer mudança no espaço físico, necessitando apenas de acesso a internet. Além disso, nesse modelo o aluno terá acesso a diferentes atividades ao trocar de estação, possibilitando um contato maior com os diversos conteúdos estudados.

As atividades foram realizadas nos dias 24/06/2017 e 15/07/2017¹, ambas com o foco na revisão dos conteúdos estudados em sala de aula. No primeiro encontro, a sala foi dividida em quatro grupos e foram estipuladas quatro estações. No segundo, os alunos foram divididos em três grupos com três estações. Em cada nicho (ou estação) havia papeis contendo as instruções daquela atividade. Foram elaboradas as seguintes atividades: completar lacunas, ordenar diálogos e realizar filmagens e áudios para publicar no grupo de

¹ As tarefas propostas contaram com a colaboração e orientação da mestrandia Helena Santos Kieling, da Universidade Católica de Pelotas.

Facebook da turma. A professora monitorou as atividades e os alunos tiveram 10 minutos para resolver as tarefas e fazer a troca de estação. No final, todos os grupos deveriam participar de todas as estações.

Uma das características do *Blended Learning* é que o aluno seja independente ao realizar uma tarefa. A partir de uma instrução, ele precisa desenvolver a capacidade de resolvê-la em grupo ou sozinho, mas sem a ajuda do professor. Assim, quando a atividade foi colocada em prática pela primeira vez, a professora constatou que inicialmente os alunos ficaram perdidos, não sabiam como resolver a tarefa só com as instruções passadas a eles, porém quando todos estavam na última estação já conseguiam solucionar de maneira independente. Já na última aplicação, observou-se que os alunos conseguiram coordenar a atividade e em grupo resolveram as tarefas de forma autônoma e rápida.

A fim de identificar a eficácia dessa abordagem, a pesquisa também considerou os resultados do questionário elaborado pela Câmara de Extensão do Curso de Letras, que visa coletar informações pedagógicas e metodológicas a cerca dos cursos ofertados. Assim, os resultados preliminares apontam que no quesito “metodologia e abordagens” contido no questionário, os alunos consideraram bastante relevantes as tarefas em grupo e as atividades de *speaking*.

4. AVALIAÇÃO

A partir dos resultados analisados, verificou-se que as atividades de rotação por estações foram importantes não só para o aprendizado dos conteúdos abordados, mas também para que os aprendizes tivessem mais autonomia na resolução de problemas. Ao mesmo tempo, esse modelo de ensino híbrido contempla a aprendizagem colaborativa, como exposto anteriormente, na qual os próprios alunos auxiliam aqueles que possuem dificuldades em determinada tarefa ou conteúdo. Dessa forma, constatamos que além da possível aplicabilidade, o *Blended Learning* é uma abordagem que contribui para a aprendizagem através da interação e do diálogo colaborativo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTENSEN, C.M; HORN, M.B; STALKER, H. ***Ensino Híbrido: uma inovação disruptiva?*** Uma introdução à teoria dos híbridos. Clayton Christensen Institute, 2013. Acessado em 08 set. 2017. Online. Disponível em: <http://docplayer.com.br/49826-Ensino-hibrido-uma-inovacao-disruptiva.html>

FIGUEIREDO, F. J. Q. **A aprendizagem colaborativa de Línguas**. Editora UFG, Goiânia, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LIGHTBOWN, P.M; SPADA, N. **How languages are learned**. Second edition. Oxford: Oxford University Press, 2000.

SWAIN, M. The output hypothesis and beyond: mediating acquisition through collaborative dialogue. In LANTOLF, J. P. (Ed.) **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 97-114.



VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Martins Fontes, São Paulo, 1984.

WELLER, W; PFAFF, N. **Metodologias de pesquisa qualitativa em educação: Teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.